

O CRISTIANISMO OCIDENTAL NO SÉCULO XX

por

Alan Rennê Alexandrino Lima

I – PANORAMA HISTÓRICO

1.1. A Igreja nas Duas Grandes Guerras Mundiais

A) NA EUROPA

O século XX, no seu início, teve uma característica semelhante à do século XIX. Na Europa era enorme a confiança numa filosofia e num sistema teológico “otimista”. No século XX, o liberalismo teológico-protestante enfatizava a possibilidade da humanidade despertar para uma nova época. Era uma realidade, onde surgiram inúmeros movimentos que acreditavam nas potencialidades humanas na tentativa de se consolidar a paz mundial. Entretanto, o que a Europa testemunhou foi o fracasso do liberalismo. As esperanças desse sistema foram minadas. As duas grandes guerras mundiais foram as causas principais do esfacelamento dos sonhos e do abalo do liberalismo teológico.

A Primeira Grande Guerra irrompeu durante o ano de 1914. Era comum entre os líderes cristãos europeus, o sentimento de evitar a guerra. E para isso, era necessário utilizar as relações internacionais das igrejas. A política era a de demonstrar o caráter supranacional da comunhão cristã.

Com o fracasso do liberalismo em responder às questões suscitadas pela guerra, o protestantismo carecia de uma teologia que o ajudasse a entender os acontecimentos da época. Recobrava-se, por causa da guerra, a percepção do poder do pecado. Nessa época o teólogo que mais contribuiu para dar respostas às essas questões foi Karl Barth, que desde o início do seu ministério se engajou nas questões sociais. Ele acreditava que o Reino de Deus seria estabelecido pelos sociais-democratas, mas a guerra destruiu os seus sonhos, e então, ele passou a entender que o Reino de Deus é uma realidade escatológica, que não surgiria do esforço humano. É atribuído a Karl Barth o começo de uma nova escola teológica denominada de “teologia dialética”, “teologia da

crise”, ou ainda, “neo-ortodoxia”. Os pressupostos dessa escola não serão mencionados aqui, devido à natureza do presente trabalho. Vale salientar que se juntaram a Barth: Emil Brunner, Friedrich Gogarten e Rudolf Bultmann.

A principal obra de Karl Barth foi a “*Dogmática Eclesiástica*”, considerada como o “grande monumento teológico do século XX”. Enquanto preparava o primeiro volume dessa obra, na Alemanha Adolf Hitler chegava ao poder. Em 1933, o Vaticano assinou uma concordata com o Reich. Já os protestantes estavam desprovidos de qualquer ferramenta teológica para se opor ao novo desafio. Para piorar, muitas igrejas assimilaram a crença na perfeição humana proclamada por Hitler. Os cristãos alemães afirmavam que Deus os havia escolhido para civilizar o mundo, e isso se dava através da pregação da mensagem sobre a superioridade racial alemã. Ainda em 1933, foi fundada a Igreja Evangélica Alemã Unida, que obedecia aos princípios estabelecidos pelo Reich.

Em 1934, vários líderes evangélicos, entre eles Barth, assinaram um manifesto contra os rumos que a Igreja Unida estava tomando. Foi publicada a *Declaração de Barmen*, cujas declarações se opunham aos desmandos de Adolf Hitler em nome do evangelho. Essa declaração possuía seis artigos com as seguintes idéias: 1) rejeita a idéia de qualquer revelação divina ao lado da Palavra de Deus em Jesus Cristo. “Jesus Cristo, como ele é testificado a nós pela Escritura Sagrada, é a única palavra de Deus, que devemos ouvir, confiar e obedecer na vida e na morte”; 2) rejeita a idéia de que há áreas da vida que não estão sob o senhorio de Jesus Cristo – tal como a política; 3) rejeita a idéia de que “a igreja ode mudar de posição na forma de sua mensagem e ordenanças à sua escolha ou de acordo com alguma convicção ideológica dominante e política”; 4) rejeita a idéia de que a igreja deve seguir o estado nazista em adotar o “princípio Führer” – estabelecendo poderosos governantes da igreja a parte do ministério pastoral regular, contrário a Mateus 20.25-26; 5) rejeita a idéia de que o estado deve tentar usurpar as funções da igreja (tornando-se a única e total ordem da vida humana) ou que a igreja deve expandir seus deveres aos negócios do estado e assim, “tornar-se ela própria um órgão do estado”; e 6) rejeita a idéia de que a missão da igreja pode ser sujeita a alvos mundanos. A reação do Reich contra a Declaração de Barmen consistiu em prender, recrutar e até mesmo exterminar pastores que apoiassem a Declaração.

No regime de Hitler se destacou a figura do teólogo Dietrich Bonhoeffer (1906-1945). Bonhoeffer chegou a fazer parte de uma conspiração para assassinar Hitler, mas em abril de 1943 foi preso pela Gestapo. Após dois anos na prisão, Bonhoeffer foi julgado e condenado à morte. Foi enforcado em 1945, alguns dias antes do final da guerra.

B) NOS ESTADOS UNIDOS

Na América eram comuns também os vários movimentos que lutavam pela paz mundial. A teologia liberal também se fazia presente, ajudando a promover a paz mundial. A priori, a sociedade americana condenou a guerra e apoiou as negociações de tratados de paz, para que as nações resolvessem pacificamente as suas diferenças. Um exemplo disso é o fato dos secretários de Estado norte-americanos terem negociado perto de cinquenta tratados.

Todavia, com a deflagração da guerra em 1914, esse otimismo em relação à paz cessou. O presidente Woodrow Wilson elaborou uma declaração de neutralidade, que foi apoiada pelas igrejas. Paulatinamente, o sentimento americano em relação à guerra foi mudando, conseqüentemente, os sentimentos dos crentes também mudaram. Isso por causa de uma forte propaganda que “interpretava a guerra em termos espirituais de uma luta para salvar a civilização cristã dos ‘hunos’, os alemães”.¹ Em 1916, a opinião da grande maioria dos pastores presbiterianos era favorável à entrada dos Estados Unidos na guerra. O que anteriormente era um sentimento de hostilidade contra a guerra, transformou-se numa noção de “guerra santa”. Os pastores abençoaram a espada como um instrumento adequado para estabelecer o Reino de Deus. As igrejas enviaram capelães para os exércitos. Conta-se também, que um renomado pastor se referiu aos soldados alemães como “cobras cascavéis” e “hienas”.

Quando foi deflagrada a Segunda Guerra Mundial, as igrejas americanas já estavam mais conscientes do seu papel diante da guerra. Não havia nenhum sentimento como o de 1914, de se fazer uma “guerra santa”. Não apenas nos estados Unidos, mas também em países como a Noruega e a Holanda, as pessoas sofreram por sua fé, e mostravam uma relutância enorme em participar da guerra. O sentimento era de unidade entre todos os cristãos. As maiores denominações protestantes dos Estados Unidos

¹ Earle E. Cairns. *O Cristianismo Através dos Séculos*. 2. ed. pág. 409.

levantaram mais de cem milhões de dólares para assistência e reconstrução das igrejas que foram destruídas por ocasião da guerra. Apesar de não se curvarem ao estado durante a Segunda Guerra, as igrejas continuaram cedendo capelães para as forças armadas e auxiliando a Cruz Vermelha na assistência aos necessitados.

II – EVENTOS CONCILIARES

2.1. Conferência Missionária de Edimburgo (1910)

O desejo de se promover uma conferência com o propósito de aproximar mais os cristãos, para que em conjunto pudessem projetar a sua obra missionária, já se fazia presente nos sonhos do grande missionário William Carey, ainda no século XIX. Ele havia sonhado com uma conferência missionária internacional, que deveria se reunir na Cidade do Cabo, no extremo sul da África, em 1810. Todavia, por causa das divisões denominacionais, onde os missionários de um país freqüentemente competiam abertamente com os de outro, a proposta de Carey não encontrou nenhuma receptividade.

O sonho da conferência projetada por Carey só se realizou cem anos depois. Reuniu-se em Edimburgo, na Escócia, a Conferência Mundial Missionária, conhecida nos círculos acadêmicos como “Edimburgo, 1910”.

“A Conferência Mundial Missionária, realizada em Edimburgo, é o ponto de partida do movimento ecumênico em todas as suas formas”.² Esta conferência foi chamada à ordem na noite de 14 de junho de 1910, no salão de conferências da Igreja Unida Livre da Escócia, “à sombra do famoso castelo de Edimburgo”.³ A conferência foi presidida por Lorde Balfour de Burleigh, que inclusive, foi um dos oradores da noite de abertura. Ele manifestou o anseio e a esperança de que “a unidade iniciada nos campos missionários possa estender a sua influência e alcançar nos países e em todas as antigas civilizações”.⁴ Além dele, o arcebispo de Canterbury também fez uso da palavra, expressando a opinião de que alguns dos que se faziam presentes à reunião poderiam “não passar pela morte até que

² Stephen Neill. *História das Missões*. 2. ed. pág. 566.

³ Mark A. Noll. *Momentos Decisivos na História do Cristianismo*. 1. ed. pág. 283.

⁴ Noll. *Op. Cit.* pág. 283.

vejam ter chegado com poder o Reino de Deus”.⁵ A ênfase da presente conferência era que ninguém poderia seguir a Cristo sem segui-lo até aos confins da terra, e isso apelando também para a união entre os cristãos. A maioria dos participantes era de britânicos e norte-americanos. Também estava presente um bom número, embora menor, de representantes procedentes de outros países europeus.

Durante dez dias foram debatidos oito temas: 1) a comunicação do evangelho a todo o mundo não-cristão; 2) a igreja no campo missionário; 3) o lugar da educação na vida cristã nacional; 4) a mensagem das missões cristãs em relação às religiões não-cristãs; 5) a preparação dos missionários; 6) a base doméstica das missões; 7) missões e governos; e 8) a promoção da unidade cristã. Para cada um desses temas havia um volume inteiro de relatórios publicados, que eram compostos por mais de mil questionários que haviam sido respondidos por missionários.

A Conferência de Edimburgo terminou com a convicção comum de que as discussões tratadas no encontro deveriam continuar. Isso pela magnitude do encontro. De fato, as questões e as discussões levantadas em Edimburgo, 1910 continuaram. Tais discussões desembocaram à criação do Conselho Missionário Internacional, da Conferência Cristã Universal de Vida e Obra (1925) e da Conferência Mundial de Fé e Ordem. Estas duas organizações se fundiram em 1948, dando origem ao Conselho Mundial de Igrejas. Daí pode-se perceber que A Conferência Missionária Mundial em Edimburgo, marcou o início do movimento ecumênico do século XX. Também representou o ponto alto da expansão missionária ocidental, que havia ganhado ímpeto durante o “Grande Século de Missões” (século XIX).

Uma outra contribuição da Conferência de Edimburgo foi que durante a mesma, a América Latina não recebeu importância, mas várias pessoas estavam conscientes da importância de um projeto para a América Latina, então se reuniram para formar projetos missionários visando esse continente. Três anos mais tarde ficou organizado o Comitê de Cooperação na América Latina (CCAL). Vale ainda salientar que em Edimburgo, os temas referentes a toda questão de fé e ordem foram excluídos, com o objetivo de evitar qualquer discussão que, porventura, pudesse dividir a assembléia, sem chegar a resultado positivo algum.

⁵ *Ibid.* pág. 283.

2.2. Congresso do Panamá (1916)

A Conferência de Edimburgo (1910) foi de extrema importância para o desenvolvimento do trabalho missionário. Entretanto, a América Latina foi excluída da agenda de Edimburgo. Como havia ficado uma lacuna, vários delegados interessados na América Latina se reuniram em março de 1913, em Nova York, numa conferência sobre missões no referido continente. O presidente da conferência, Robert Speer, destacou que o objetivo não era atacar a Igreja Romana, antes, promover a obra missionária na América Latina. Pela primeira vez deparava-se com o problema central que desde os tempos da colonização tem sido tema da missão para os protestantes: a Igreja Católica Romana. Os participantes procuraram enfocar o assunto de maneira amigável, fraternal e positiva. Essa conferência criou a Comissão de Cooperação na América Latina (CCAL), que por sua vez, patrocinou o Congresso de Ação Cristã na América Latina (Panamá, 1916). Este congresso é considerado por historiadores como “o maior encontro das forças protestantes desse continente até aquela data”.⁶ Eis um trecho da forma como os organizadores do congresso se expressaram: *“Todas as comunhões e organizações que aceitam Jesus Cristo como Divino Salvador e Senhor, e as Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento como Palavra de Deus revelada, e cujo propósito é lograr que a vontade de Cristo prevaleça na América Latina, estão cordialmente convidadas a participar no Congresso de Panamá e serão bem-vindas de coração”*.⁷ E, resolveu-se convidar representantes das igrejas nativas, inclusive a Católica Romana. Entretanto, a Igreja Romana não mandou delegados, e alguns de seus bispos se pronunciaram contra o Congresso. O Congresso foi realizado de 10 a 20 de fevereiro de 1916, no Hotel Tívoli, na Zona do Canal. O idioma oficial do Congresso foi o inglês, com um ou outro relatório apresentado em português ou espanhol.

Duas coisas concorreram como necessárias para a realização do Congresso: 1) um conhecimento mais exato tanto das condições e exigências do campo como do pessoal e recursos que podiam ser utilizados nele; e 2) uma cooperação mais inteligente e real de todas as forças evangélicas existentes na América Latina. O Congresso do Panamá, em si, mostrou a necessidade de maior cooperação em áreas como educação religiosa,

⁶ Fides Reformata. *A Missão da Igreja: Uma Perspectiva Latino-Americana*. Alderi Souza de Matos. pág. 71.

⁷ Trecho da carta convocatória para o Congresso do Panamá, citada em NELSON & KESSLER. “Panamá 1916 y su impacto sobre el protestantismo latinoamericano”. *Pastoralia* n° 2, nov. 1978. pág. 8.

missões, literatura e formação teológica, trabalho feminino e etc. O Congresso não teve um fim dogmático ou deliberativo. Antes, a sua preocupação foi estudar a situação dos problemas e dos métodos na evangelização dos países latinos. O ideal disseminado no Panamá foi “O Cristo vivo para a América Latina”. As metas do Congresso foram a evangelização das classes cultas, a criação de seminários unidos, o desejo de socializar o trabalho missionário na América Latina e a promoção da unidade protestante.

Na sua representação, dos 230 delegados oficiais, apenas 21 eram latino-americanos. O Congresso do Panamá levantou a primeira discussão séria sobre o protestantismo latino-americano e estimulou a criação de órgãos cooperativos regionais nos países latinos. Na sua obra “*Pan-Americanismo: Aspecto religioso*”, o Rev. Erasmo Braga, ao descrever os acontecimentos do Congresso, ressaltou que os estudos do Panamá revelaram, que a influência das igrejas evangélicas era ainda restrita. A proporção de mulheres nas igrejas e a proporção de igrejas rurais era muito grande, para que tal influência já pudesse ser tida como de grande repercussão. “O fermento apenas começava a levedar”.⁸

O Congresso do Panamá teve alguns efeitos que merecem ser, sucintamente, citados: 1) um movimento de convergência, ou nas palavras do Rev. Erasmo Braga: “uma fórmula de cooperação no engrandecimento espiritual e na salvação deste continente”; 2) um otimismo em relação ao alcance do Evangelho na América Latina; 3) a necessidade da cooperação, ou seja, da união das denominações evangélicas em toda a América Latina, para se poder enfrentar os problemas; 4) a nacionalização das igrejas. A evangelização de cada país deveria ser feita por ministros nativos e sustentados com recursos das igrejas nacionais; 5) a mensagem a ser proclamada: “Jesus Cristo e este crucificado”; 6) uma atitude simpática para com a Igreja Católica, algo que o Rev. Alderi Souza de Matos assinalou como problemático para os evangélicos latino-americanos; 7) estruturação de literatura evangélica útil e instrutiva; 8) ênfase maior na Escola Dominical; 9) ênfase na importância de se evangelizar os índios, de forma mais ampla, os índios brasileiros; e 10) o estabelecimento de um escritório central em Nova York para se comunicar com as sedes das missões nos diferentes países latino-americanos.

⁸ Júlio Andrade Ferreira. *Erasmo Braga: Profeta da Unidade*. pág. 105.

Também como resultado do Congresso do Panamá, foram realizados dois congressos missionários regionais: 1) Congresso de Ação Cristã na América do Sul (Montevidéu, Uruguai, 1925), que teve como presidente o Rev. Erasmo Braga; e 2) Congresso Evangélico Hispano-Americano (Havana, Cuba, 1929). Algo que ainda deve ser salientado aqui, é que também pôde ser percebido no Congresso do Panamá a forte influência do “evangelho social”, e a presença de apenas três brasileiros, os presbiterianos Álvaro Reis, Erasmo Braga e Eduardo Carlos Pereira. Esse último expressou-se sobre a Igreja Católica Romana nos seguintes termos: “Jesus Cristo é Cordeiro de Deus, mas, também, é o Leão da tribo de Judá. Paulo e os apóstolos evangelizaram, mas também, abertamente se opuseram a escribas e fariseus; Paulo denunciava os erros de seu tempo com energia. Eu prego o Evangelho, mas também combato o erro”.⁹ Salientou também, que a reunião com os católicos romanos só seria possível ou com o abandono da mensagem apostólica por parte do protestantismo, ou com a “desromanização” do Catolicismo Romano.

2.3. Concílio Vaticano II (1962-1965)

O Concílio Vaticano II é considerado pelos católicos romanos como o vigésimo primeiro concílio eclesiástico ecumênico. As questões abordadas por este concílio foram de fé e de vida eclesiástica.

Em janeiro de 1959, o papa João XXIII declarou que tinha a intenção de convocar um concílio ecumênico. O Concílio Vaticano II foi formalmente convocado em dezembro de 1961, e foi aberto na Basílica de São Pedro, em Roma, no dia 11 de outubro de 1962. Foi reconvocato em setembro de 1963, após a morte de João XXIII, pelo então papa Paulo VI.

No seu discurso de abertura, o papa João XXIII falou sobre as necessidades dos tempos. Havia no mundo ocidental uma enorme confiança nos bens materiais, enquanto milhões de pessoas viviam na mais intensa pobreza; o ateísmo crescia assustadoramente; o mundo passava por uma profunda crise espiritual. O papa afirmou, então, que o mundo precisava do “pleno suprimento do remédio da misericórdia”. Esta misericórdia em relação

⁹ Boanerges Ribeiro. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. pág. 172.

ao mundo foi o que determinou o caráter do concílio inteiro. O propósito deste, era renovar sua própria fé e vida em Cristo, para ajudar o mundo, promovendo a unidade de todos os cristãos e dirigindo a presença cristã no mundo às obras da paz, justiça e bem-estar.

Entretanto, a principal característica do concílio foi o espírito pastoral que predominou do início ao fim. O interessante, é que também havia um profundo espírito bíblico, pois os bispos expressaram desde o início, que tinham o desejo de se pronunciarem em linguagem bíblica. O Vaticano II também foi um concílio de caráter ecumênico, no sentido em que atualmente compreendido, visto que procurava alcançar os cristãos não-católicos e humilde no seu tratamento com as religiões não-cristãs. Isso a tal ponto, que os protestantes não foram chamados de hereges, mas de “irmãos separados”. Mesmo assim, o concílio manteve a igreja totalmente apegada à sua identidade e tradição católico-romanas.

O foco central dos documentos promulgados pelo Vaticano II era a Igreja. As declarações doutrinárias do concílio foram: a “*Constituição Dogmática sobre a Igreja*” (novembro de 1964), que foi a principal declaração doutrinária do concílio; “*A Respeito da Revelação Divina*”; “*A Respeito da Liturgia*”, que era uma simples constituição litúrgica; “*A Respeito da Igreja no Mundo Moderno*”, que era uma constituição estritamente pastoral. Deve ser salientado aqui, algo sobre a constituição “*A Respeito da Igreja*”, que incorporou no capítulo III, a declaração controvertida sobre a infalibilidade papal. Só que dessa vez, acrescentou que a infalibilidade também se estendia ao grupo dos bispos, no entanto, apenas quando eles exerciam o *magisterium*, ou seja, apenas quando reunidos em colégio, no que concerne a questões doutrinárias, juntamente com o papa. O princípio de onde tiravam tal conclusão era o princípio da colegialidade, ou seja, os bispos como um todo eram a continuação do colégio dos apóstolos. “Combinando a colegialidade episcopal com a primazia papal, e mediante a infalibilidade compartilhada, o Concílio resolveu a antiga tensão entre o papa e os concílios”.¹⁰ Também foi afirmado, que a Igreja na sua totalidade, era o povo de Deus. Com isso, se desfez o entendimento feito através dos séculos, de que somente os clérigos eram a Igreja. O resultado dessa afirmação e de uma nova ênfase nas Escrituras Sagradas pôde ser observado nas missas nas paróquias, que foram vertidas para as línguas vernáculas em todas as partes do mundo.

¹⁰ *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Concílio Vaticano II. vol. 1. C. T. Mctinre.

O decreto “*A Respeito do Ecumenismo*”, também deu continuidade ao ensino tradicional, mas com uma adaptação. O Concílio reafirmou que a salvação só poderia ser obtida através apenas da Igreja Católica Romana. Entretanto, pela primeira vez os protestantes e os anglicanos foram explicitamente considerados cristãos, como já foi mencionado acima, e os ortodoxos orientais foram considerados descendentes diretos dos apóstolos. A prova disso é que, em 1965, o papa Paulo VI e o patriarca Atenágoras promulgaram uma declaração onde eram esquecidas as excomunhões recíprocas de 1054.

2.4. Congresso de Lausanne (1974)

Este congresso foi denominado de Congresso Internacional de Evangelização Mundial. Teve lugar na Suíça, Lausanne mais especificamente. Aconteceu em julho de 1974. Há um conflito de dados, quanto ao número de participantes. O Rev. Manfred Grelleert, presidente do CBE-83 (Congresso Brasileiro de Evangelização), escrevendo o prefácio geral da obra “*John Stott Comenta o Pacto de Lausanne*”, afirma que foram 4000 os participantes do congresso, enquanto outros estudiosos estabelecem o número de 3000 participantes. O certo é que foi um evento de uma magnitude enorme, considerada como “a mais importante reunião de evangélicos que já houve”.¹¹ Os participantes do Congresso de Lausanne eram oriundos de mais de 150 nações. A convocação do Congresso foi feita pela Aliança Bíblica Universitária (ABU), movimento idealizado e liderado pelo evangelista norte-americano Billy Graham.

Na palestra de abertura, Billy Graham apresentou quatro pressupostos fundamentais sobre os quais o Congresso de Lausanne deveria estar firmado. São eles: 1) Lausanne se inseria na tradição de numerosos movimentos de evangelização na história da Igreja; 2) em Lausanne, todos se reuniam como um só corpo, obedecendo a um só Senhor, voltados para o mundo com uma só tarefa; 3) Lausanne se reunia para novamente enfatizar os conceitos bíblicos que são essenciais à evangelização; e 4) o Congresso se reunia para, franca e diligentemente, refletir sobre a comunidade evangélica e os recursos que dispõe a Igreja para evangelizar o mundo. Ao término da palestra Billy Graham fez a pergunta: “Por que Lausanne?”, que foi respondida com a frase que foi o tema do Congresso: “Para que o

¹¹ Tony Lane. *Pensamento Cristão*. vol. 2. pág. 204.

mundo ouça a Sua voz!”. Lausanne é o marco de um momento decisivo no desenvolvimento do evangelicalismo neste século. Isso de tal forma, que uma relação pode ser estabelecida com o Concílio Vaticano II, no sentido de que o Congresso de Lausanne está para o evangelicalismo como o Vaticano II está para a Igreja Católica Romana.

O Congresso Internacional de Evangelização Mundial expressou a sua posição final através de uma “aliança” ou um “pacto”. O Pacto de Lausanne, como ficou conhecido é acima de tudo, uma abrangente confissão de fé. Desde o início dos tempos modernos até o presente, o Pacto de Lausanne é a declaração mais representativa e autorizada da crença evangélica. Entretanto, como a própria nomenclatura expressa, tal documento não é unicamente uma confissão de fé, mas também é um pacto, uma aliança, um comprometimento solene e pessoal de orar e trabalhar em prol da evangelização mundial. Os principais conferencistas do Congresso foram: Festo Kivengere, Francis Schaeffer, Michael Green e Howard Snyder. Vale salientar aqui, que Lausanne também teve como conferencistas os latino-americanos Samuel Escobar e René Padilla, além do ministro anglicano John Stott, que inclusive presidiu o comitê de Lausanne.

A enorme significância do congresso pode ser sentida em três sentidos principais: 1) ampla participação de conferencistas advindos de países do Terceiro Mundo, como os já citados Samuel Escobar e René Padilla. Metade dos participantes, dos oradores e do comitê de planejamento era do Terceiro Mundo. Os dois conferencistas latino-americanos foram os elaboradores de alguns dos documentos pronunciados mais provocativos e influentes; 2) durante todo o congresso, o sentimento evangélico não foi o de um “triumfalismo”, antes, o sentimento que predominou no congresso foi o de arrependimento. Havia o conhecimento da crescente influência do evangelicalismo, mas também havia o reconhecimento de que erros foram cometidos no passado e a necessidade de se aprender da experiência cristã ao longo da História; e 3) este arrependimento se manifestou, mais especificamente, no campo da responsabilidade social cristã. Os evangélicos deveriam estar em primeiro lugar na preocupação social. Entretanto, além da forte ênfase na responsabilidade social, todos os conferencistas concordaram sobre a urgência vital da evangelização mundial.

Os efeitos do congresso puderam ser sentidos através da atuação do Comitê de Lausanne para a Evangelização Mundial, que organizou várias consultas de assuntos

levantados pelo congresso. Podem aqui ser citados: 1) Willowbank (Bermuda, 1978), que tratou da questão do evangelho e da cultura; 2) Hoddeston (Inglaterra, 1980), que discutiu a questão de um estilo de vida simples; e 3) Grand Rapids (Michigan, 1982), que tratou da evangelização e responsabilidade social. De fato, Lausanne, 1974, se constitui num encontro de extrema importância para o evangelicalismo moderno.

III – GRANDES LÍDERES RELIGIOSOS DO SÉCULO XX

3.1. Pio XI

Tinha por nome Achille Ambrogio Domiano Ratti. Nasceu em 1857, vindo a falecer em 1939. Nasceu em Desio na Itália. Pontificou entre 1922 e 1939. Foi consagrado padre em 1879. Obteve três doutorados: filosofia, teologia e lei canônica, pela Universidade Gregoriana de Roma. O papa Pio XI é considerado como um dos maiores papas de todos os tempos, pois muitos, senão todos os aspectos da sua vida foram impolutos. Homem erudito, de uma educação de alto nível. Era tido pelos clérigos e pelos fiéis como alguém extremamente simpático, era dotado também de uma visão universal de Igreja, de forma que não possuía qualquer vestígio de preconceito racial. Ao longo do seu pontificado publicou trinta e uma encíclicas; canonizou a trinta pessoas, dentre elas mártires da Inglaterra, como John Fisher e Tomás More, e também mártires canadenses e americanos, como Isaque Jogues e seus companheiros. O currículo de Pio XI ratifica o que foi afirmado acima: foi professor do Seminário Diocesano de Milão; bibliotecário da Ambrosiana de Milão, tendo sido eleito, depois, prefeito dessa biblioteca e encarregado de documentos e literatura; foi pro-prefeito da biblioteca do Vaticano, e então prefeito da mesma. Foi diplomata; núncio, arcebispo de Lepanto. Foi arcebispo de Milão; cardeal e finalmente, foi eleito papa em 1922. o seu pontificado foi realizado sob o lema “A Paz de Cristo no Reino de Cristo”. Com isso, ele pretendia desenvolver nas pessoas o mesmo espírito de Cristo, na visão pessoal delas e nos seus relacionamentos com outras pessoas.

Pio XI foi um incansável obreiro, cujas realizações incluíram inúmeras encíclicas sobre assuntos diversos; promoveu a educação cristã; regulamentou o casamento e a vida doméstica dos cristãos; foi veemente na sua condenação dos meios artificiais no

controle da natalidade; promoveu missões domésticas e estrangeiras. Pio XI também enfatizou a necessidade da consagração pessoal entre os prelados; manifestou o desejo de estabelecer um relacionamento com a Igreja Oriental, fundando uma comissão especial para a codificação da lei canônica oriental. Fundou o Instituto de Arqueologia Cristã. Trovejou na defesa da Igreja contra movimentos como o comunismo ateu, o fascismo e o nazismo. Como pontificou no contexto da Primeira Guerra Mundial, proveu moradias para os pobres e para os refugiados. Subsidiou os necessitados da Europa Continental Central, no fim da guerra. Morreu em 1939, aos oitenta e dois anos de idade.

3.2. João XXIII

Seu nome verdadeiro era Ângelo Giuseppe Roncalli. Nasceu em Sotto il Monte, próximo a Bérgamo, na Itália, a 25 de novembro de 1881, vindo a falecer em Roma, a 3 de junho de 1963. Nessa ocasião estava sendo realizado o Concílio Vaticano II. Começou os seus estudos para o sacerdócio católico aos treze anos de idade, em Bérgamo. Logo depois foi para Roma, onde foi ordenado padre no ano de 1904. Foi secretário do bispo de Bérgamo. Lutou no exército italiano na Primeira Grande Guerra Mundial, onde foi o sargento do corpo médico e, posteriormente, como capelão.

Tendo se tornado arcebispo titular, foi nomeado pelo papa Pio XI como visitador apostólico na Bulgária. Em 1935 foi promovido ao ofício de núncio e delegado apostólico na Turquia e na Grécia. Destacou-se por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando obteve respeito como mediador neutro, quando residia em Istambul na Turquia. Em 1944, foi feito núncio na França, onde se deparou com muitos problemas sociais e religiosos. Em 1953, tornou-se cardeal, e foi chamado de patriarca de Veneza. Opunha-se com firmeza ao comunismo, e se tornou célebre pela maneira graciosa e informal com que se relacionava com o povo comum.

Foi eleito papa logo após a morte do papa Pio XII. Foram precisos onze escrutínios para ele conseguir a sua eleição. Escolheu o título de João, que não fora usado por nenhum papa por quinhentos anos, e o escolheu por causa de João, o discípulo amado de Jesus, o discípulo do amor. Por isso, o papa João XXIII viveu ocupado com muitos atos

de caridade. O seu pontificado foi muito ativo, entretanto não foi muito longo, pois pontificou apenas cinco anos.

O papa João XXIII precisava cuidar dos interesses de cinquenta e três milhões de católicos romanos, que viviam por detrás da chamada Cortina de Ferro. Católicos romanos estavam sendo perseguidos na China, e havia condições de radicalismo por toda a parte. O papa consternava-se diante da violência e dos sofrimentos provocados pelo homem. No seu primeiro discurso radiofônico internacional, declarou: “Por que os recursos do engenho humano e da ira das nações deveriam cada vez ser mais canalizados para a preparação de armamentos – perniciosos instrumentos de morte e destruição – em vez de serem usados para melhoramento do bem-estar de todas as classes, particularmente das classes mais pobres?”. Seus atos eclesiais incluíram o aumento do número de cardeais de setenta para setenta e cinco, e a nomeação de vinte e três novos cardeais. No Natal de 1958, ele reviveu o costume (que não vinha sendo observado desde 1870) de visitar a prisão de Regina Coeli, e um dos hospitais de Roma. Em dezembro de 1961, ele convocou o Concílio Vaticano II, que se reuniu em outubro de 1962.

João XXIII morreu de modo corajoso e exemplar no dia 3 de junho de 1963.

3.3. Rev. Martin Luther King Jr.

Nasceu em Atlanta, no estado da Geórgia, cidade extremo sul dos Estados Unidos, no dia 15 de janeiro de 1929. O seu pai, Martin Luther King, era pastor da Igreja Batista Ebenézer. Luther King Jr., passou a infância memorizando versículos da Bíblia e cantando gospels para a congregação. E, como toda criança negra daquela época, cresceu marcado pelo preconceito racial. Mesmo assim, frequentou uma das melhores faculdades do país, a Morehouse College. Aos dezessete anos de idade foi ordenado e tornou-se pastor assistente da igreja de seu pai. Porém, não parou de estudar, e aos dezenove anos, graduou-se em Sociologia na Morehouse College e ingressou no Seminário de Crozer, na Pensilvânia, no norte dos Estados Unidos, onde leu trabalhos de famosos teólogos e filósofos. Formou-se em Teologia como o melhor aluno de sua classe, iniciando depois o doutorado da Universidade de Boston (1951). Nessa época, Luther King conheceu uma garota chamada Coretta Scott, com quem se casou em 18 de junho de 1953. No ano

seguinte, aceitou o convite para pastorear a Igreja Batista em Montgomery, no Alabama, estado situado ao sul, foco dos maiores conflitos raciais do país.

A exemplo do pai da independência da Índia, Mahatma Gandhi, Luther King tornou-se defensor da filosofia da não-violência e liderou, a partir de 1955, uma campanha pacífica pela justiça para o povo negro americano. A idéia era derrubar os preconceitos que a abolição da escravatura conseguida por Abraham Lincoln em 1863, durante a Guerra Civil Americana, não havia sido capaz de destruir. Nesse mesmo ano, no dia 1º de dezembro, uma garota negra chamada Rosa Parks embarcou num ônibus e se recusou a dar lugar para um passageiro branco. Ora, os ônibus da cidade eram guiados somente por motoristas brancos, e só os últimos bancos eram reservados para aos negros. A prisão de Rosa Parks levou Luther King e seus seguidores a iniciar, no dia 5 de dezembro, um boicote contra os serviços rodoviários de Montgomery. Esse boicote durou exatos 381 dias. Com a manutenção do boicote, as autoridades racistas usaram uma velha lei antiboicote para acabar com o movimento e prender 89 pessoas, incluindo Martin Luther King. Inspirados pelo sucesso do boicote em Montgomery, outros movimentos começaram a se espalhar, protestando contra a discriminação racial, e tornaram-se o ponto de partida da cruzada de Luther King, que usava o amor, a oração e o discurso como uma ação direta contra a violência física.

No lançamento de seu livro “*A Caminho da Liberdade*”, uma mulher negra, de meia-idade, com passagens em vários hospitais psiquiátricos, cravou um abridor de cartas em seu peito. Levado às pressas para o hospital, Luther King sofreu uma cirurgia extremamente delicada e sobreviveu.

Em 28 de agosto de 1963, Luther King reuniu 250 mil pessoas na Marcha sobre Washington. Deixando de lado as suas anotações, fez das escadarias do Lincoln Memorial, aquele que foi tido como o maior discurso do movimento pelos direitos civis: “I have a dream” (Eu tenho um sonho). Recebeu o título de “Homem do Ano de 1963”, e em outubro de 1964, King recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

No dia 3 de abril de 1968, na véspera de mais um protesto, ele proferiu seu último discurso: “I see the promise land” (Eu vejo a terra prometida), na sede da Igreja de Deus em Cristo, a maior denominação pentecostal americana africana. No dia 4, à noite, Luther King estava no terraço do hotel, quando foi atingido no pescoço por um tiro

disparado por um matador branco, que estava no telhado de um prédio vizinho. Gravemente ferido e levado às pressas para o hospital, Martin Luther King Jr., aos 39 anos, morreu uma hora depois de ser ferido.

3.4. Madre Teresa de Calcutá

Seu verdadeiro nome era Agnes Gonxha Bojaxhu. Nasceu no dia 26 de agosto de 1910, em Skoplje, na Albânia. A sua família pertencia à minoria albanesa que vivia no sul da antiga Iugoslávia. Tinha uma voz muito bonita e logo se converteu na solista do coro da Igreja da sua aldeia, e até dirigia o coro, lá pelos anos vinte. Aos dezoito anos, surge-lhe o pensamento da consagração total a Deus na vida religiosa. Obteve o consentimento dos pais, por indicação do sacerdote que a orientava. Entrou no dia 29 de setembro de 1928, para a Casa Mãe das Irmãs de Nossa Senhora de Loreto. Em 1931, foi enviada para Darjeeling, onde as irmãs de Loreto possuíam um colégio. Fez o noviciado, e no dia 24 de maio de 1931, fez a sua profissão religiosa, emitindo votos temporários de pobreza, castidade e obediência tomando o nome de Teresa.

De Darjeeling partiu para Calcutá, onde passou a ensinar Geografia, no Colégio de Santa Maria, da Congregação de Nossa Senhora de Loreto. Embora cercada de meninas, filhas das melhores famílias de Calcutá, impressionava-se com o que via na rua: os bairros de lata com cheiros nauseabundos, crianças, mulheres e velhos famélicos. No dia 24 de maio de 1937, a irmã Teresa de Calcutá fez a sua profissão religiosa perpétua.

Foi numa viagem de trem para o Himalaia, que ela percebeu claramente qual a sua missão: “dedicar a sua vida aos mais pobres dos pobres”. A irmã Teresa pensava nos pobres de Calcutá, que todas as noites morriam pelas ruas e que na manhã seguinte, eram lançados no carro da limpeza, como se fossem lixo. Em 1947, obteve a permissão do arcebispo de Calcutá e da Madre Superiora das irmãs de Loreto, para sair do colégio e dedicar sua vida aos pobres. No dia 12 de abril de 1948, chega a sua autorização do papa Pio XII, todavia, embora deixando a Congregação de Nossa Senhora de Loreto, a irmã Teresa continuava religiosa, sob a obediência do arcebispo de Calcutá. Em 1948, ela obteve a nacionalidade indiana. Quando a irmã Teresa passava, crianças famintas e sujas,

deficientes, enfermos de toda a espécie gritavam por ela com os olhos inundados de esperança: “Madre Teresa! Madre Teresa!”.

Em 1950, no dia 7 de outubro, a Congregação de Madre Teresa foi aprovada pela Santa Sé. Já à muito tempo atrás, as “Missionárias da Caridade”, como eram chamadas, abriram várias escolas, davam banho nos moribundos das ruas de Calcutá. Em 1952 abriu o lar infantil Sishi Bavan (Casa da Esperança) e inaugura o seu famoso “Lar para Moribundos”.

Em 1965, a ordem é aprovada pela Santa Sé; e, com a proteção pontifícia, estende-se por toda a Índia. É fundada a sua primeira casa na América Latina, na Venezuela. A partir de 1968, a Congregação estende-se por outras regiões: Ceilão, Itália, Austrália, Bangladesh, Ilhas Maurício, Peru, Canadá e Londres, todas em 1970; Palestina (1973), Nova York (1976). No dia 17 de outubro de 1979, Madre Teresa recebe o Prêmio Nobel da Paz. No mesmo ano, o papa João Paulo II concedeu a ela o título de “Melhor Embaixadora do Papa em Todas as Nações, Fóruns e Assembléias do Mundo”. Em 1980, muitas universidades lhe conferiram o título “Honoris Causa”.

Em 1983, estando em Roma, sofre o primeiro grave ataque do coração, em setembro de 1989, sofre o seu segundo ataque do coração e corre sério risco de vida, mas recupera-se e retoma o seu trabalho com mais ardor e vigor do que antes, apesar do marcapasso. E em 5 de setembro de 1997, sofre a terceira parada cardíaca e morre aos 87 anos de idade.

3.4. Rev. Desmond Tutu

Nasceu na África do Sul, em Klersksdorp, no dia 7 de outubro de 1931. Em Transvaal, estuda na Escola Normal de Johannesburgo e, em 1954, ingressa na Universidade da África do Sul. Depois de trabalhar como professor em uma escola secundarista, é ordenado sacerdote da Igreja Anglicana no ano de 1960. Vai para a Inglaterra em 1967, e lá estuda teologia durante cinco anos. Em 1975, de volta à África do Sul, torna-se o primeiro ministro negro a ser nomeado capelão da catedral de Santa Maria, em Johannesburgo. Já consagrado como bispo, passa a dirigir a diocese de Lesoto pelo

período de dois anos (1976-1978). Em 1978, torna-se secretário-geral do Conselho das Igrejas da África do Sul.

Sua proposta para a sociedade sul-africana incluía direitos civis iguais para todas as pessoas; abolição das leis que limitavam a circulação das pessoas de cor; um melhoramento no sistema educacional comum; e o fim das deportações forçadas de negros. Possuía uma firme posição “*anti-apartheid*” – a política oficial da segregação racial na África do Sul. Sua posição lhe vale em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. Também recebeu o título “*Honoris Causa*” de importantes universidades dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Alemanha.

Em 1996, preside a Comissão de Reconciliação e Verdade, destinada a promover a integração racial na África do Sul após a abolição do apartheid. Recebe poderes da Comissão para investigar, julgar e anistiar os crimes contra os direitos humanos praticados durante o regime de segregação racial. Em 1997, divulga o relatório final da Comissão, que acusava de violação dos direitos humanos tanto as autoridades do regime racista sul-africano como as organizações que lutavam contra o apartheid. No mesmo ano, anuncia que vai iniciar uma longa série de tratamentos nos Estados Unidos contra um cancro na próstata. Mesmo assim, o Rev. Desmond Tutu continua atuando na Comissão.

IV- GRANDES TEÓLOGOS DO SÉCULO XX

4.1- Karl Barth

Desde a publicação de *Der Romerbrief* (1919) até a conferência ecumênica de Amsterdã (1948), Barth foi o teólogo mais admirado, influente e seguido na Igreja evangélica.

Barth nasceu na Basileia em 10 de maio de 1886. Sua origem suíça é digna de nota: durante o período nazista colocou-o em condições de opor-se a Hitler sem graves conseqüências; o máximo que o nacional socialismo pode fazer contra ele foi repatriá-lo. Da Suíça Barth herdou também muitas convicções políticas e sociais: o apego à democracia, ao conservadorismo, a desconfiança em relação aos blocos políticos, uma propensão para a neutralidade entre Rússia e Estados Unidos.

Filho de pais protestantes recebeu sua educação religiosa inicial na igreja reformada. Essa educação deixou fortes marcas em sua mente, às quais podem ser percebidas em toda sua produção teológica.

Seus estudos teológicos iniciados em sua pátria, em Berna, foram prosseguidos na vizinha Alemanha, tendo passado pelas universidades de Berlim, Marburg e Tubingen. Seus professores foram os mestres mais celebres do último liberalismo teológico.

No transcorrer dos seus estudos universitários Barth conheceu Eduard Thurneysen, o qual se manteve por toda vida o seu amigo de todas as horas, o companheiro indefectível de sua aventura teológica.

Ao concluir seus estudos foi convidado a ser assistente da paróquia reformada suíço-alemã de Genebra. Em 1911, foi promovido pastor de Safenwill, onde transcorreram os dez anos decisivos da maturação de seu pensamento teológico.

Sua obra principal foi a Dogmática Eclesiástica, contudo, ele escreveu uma vastíssima quantidade de obras teológicas, às quais podem ser divididas em quatro grupos: obras exegéticas, históricas, eclesásticas e políticas.

Barth morreu na Basileia em 10 de dezembro de 1968, deixando a mulher e quatro filhos.

4.2- Rudolf Bultmann

Sacudiu o mundo teológico nada menos do que duas vezes durante esse século. A primeira vez foi quando se deu sua conversão à teologia dialética, introduzindo-a na exegese bíblica, então conduzida segundo os princípios da crítica histórica liberal, o método histórico morfológico (Formgeschichte). A segunda vez foi quando inventou a teoria da demitização. Por estes dois títulos, o método histórico-morfológico e a demitização, ele já era no passado e ainda mais no presente uma das figuras mais significativas do século XX.

Rudolf Karl Bultmann nasceu em Wiefelstede (Oldenburg), na Alemanha, em 20 de agosto de 1884. Filho mais velho de um ministro da Igreja Luterana, nasceu num ambiente profundamente religioso. Coursou a escola primária em Rastede, para onde seu pai

fora transferido. Já o ginásio e o liceu, frequentou em Oldenburg. No liceu além dos estudos de religião destacou-se também no estudo do grego e da história da literatura alemã.

Ao concluir o liceu, iniciou seus estudos teológicos na Universidade de Tubingen, em 1903. No ano seguinte passou para a Universidade de Berlim e dois anos depois para a de Marburg. Foi ali que em 1910, licenciou em teologia com a tese: O Estilo da Pregação de Paulo e a Diatribe Cínico – estóica, e dois anos mais tarde obteve a livre docência, com uma dissertação sobre a exegese de Teodoro de Mopsuestia.

Seus mestres foram homens de clara fama liberal e de orientação histórico crítica e sua produção literária é altamente significativa e leva a marca de um estudioso consciencioso, atento, agudo, profundo, genial, dotado de uma bagagem crítica, filosófica e também filológica incomum.

Durante sua velhice Bultmann, foi atormentado por várias doenças, entre as quais a cegueira; morreu em 30 de julho de 1976.

4.3- Dietrich Bonhoeffer

É universalmente considerado como um dos principais precursores e promotores do movimento do “Ateísmo Cristão”, ou como também é chamado, da teologia da morte de Deus.

O conteúdo do pensamento de Bonhoeffer é Cristo. Ele é um defensor convicto de um cristocentrismo apaixonado, exigente, absoluto, completo. Para nenhum outro teólogo moderno, Cristo é uma realidade tão viva e próxima, real e transformadora, como para ele. Baseia-se em Cristo, toda realidade e toda espiritualidade. E desenvolve a doutrina da igreja particularmente no que se refere a Cristo.

Nasceu em Wroclaw (al.: Breslau), em 4 de fevereiro de 1906, de uma família da alta burguesia. Seu pai era um grande médico psiquiatra e neurologista. Sua mãe, Paula Von Hase, era filha de um capelão da corte imperial e neta de um célebre historiador da Igreja.

Passou a maior parte da juventude em Berlim, com seus sete irmãos e irmãs, dedicando-se ao estudo, a música e ao esporte. Bem dotado em todos esses campos, como estudante distinguia-se por uma extraordinária capacidade de concentração.

Com dezesseis anos decide ser pastor, e no outono de 1923, ingressa na universidade de Tubingen para iniciar seus estudos teológicos, seguindo os cursos de A. Schlatter, V. Heitmuller e K. Heim. Nos anos seguintes ele segue com assiduidade os cursos dos dois expoentes máximos do renascimento da teologia luterana, Karl Holl e Reinhold Seeberg.

Em virtude das circunstâncias, a produção teológica de Dietrich não pode assumir proporções muito vistosas, não podendo absolutamente competir em quantidade com um Barth ou um Rahner. Elas se reduzem a uma dezena de ensaios, e alguns artigos e conferências e à correspondência, que foram reunidos em quatro volumes.

No início de 1945, Bonhoeffer é transferido da prisão berlinense para o campo de concentração de Buchenwald, onde tem por companheiros de cela algumas das mais altas personalidades políticas e militares da Alemanha e alguns dos mais ilustres prisioneiros de guerra. Um deles, Payne Best, do serviço secreto aliado, o qual nos deixou preciosas informações sobre nosso teólogo: “o pastor Bonhoeffer pronunciou-nos um breve sermão, falando de modo que tocou o coração de todos nós e encontrando as palavras adequadas para exprimir o espírito de nossa condição e os pensamentos e propósitos que ela determinara em nós. Nem bem ele concluiu a última oração quando a porta foi escancarada; entraram dois homens à paisana e de aspecto malvado dizendo: prisioneiro Bonhoeffer, prepare-se para vir conosco. Aquelas palavras – venha conosco- já tinham assumido para nós um único significado: a força. Despedimos. Ele se retirou dizendo: “Isto é o fim.” depois acrescentou prontamente: “Para mim é o início da vida.”. No dia seguinte, 9 de abril, foi enforcado. Estava com 39 anos”.

4.4- Paul Tillich

Em muitos círculos, Paul Tillich é hoje considerado como o maior teólogo protestante do nosso século. Já alguns anos um dos mais competentes teólogos norte-americanos, Gustaw Weigel, escreveu sobre ele: “Esse homem é extremamente

significativo para a teologia ocidental. Ele é a figura mais impressionante da teologia protestante hodierna, embora se discirna por um grande número de nomes insignes, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos”.

Paul Johannes Tillich nasceu em 20 de agosto de 1886 em Starzeddel, um pequeno povoado da Alemanha sententrional, filho de pais protestantes; o pai era pastor da Igreja Luterana. Realizou seus primeiros estudos em Schoenfliess- Neumark, para onde o pai se transferira. Com doze anos de idade, ingressou no Gymnasiun da vizinha cidade de Konigsberg. Em Berlim o jovem concluiu seus estudos liceais e iniciou os universitários em 1912, dedicou-se a cura de almas até a eclosão da Primeira Guerra.

A produção literária dele é considerável: mais de quatrocentos escritos. Do ponto de vista cronológico, divide-se em dois grupos: alemão e norte americano.

Depois de um inicio difícil e penoso o pensamento de Tillich começou a encontrar admiradores e seguidores, depois da Segunda Guerra, eles crescem tanto a ponto de fazer de Tillich o teólogo mais influente e admirado nos Estados Unidos. Por isso, em 1955, a Universidade ofereceu-lhe um lugar entre os seus estudiosos que trabalham nas “fronteiras da ciência”. Tillich assumiu a cátedra teológica mais ambicionada dos Estados Unidos. Nela, durante os últimos de sua vida pode pregar a sua mensagem teológica à fina flor dos universitários americanos e de todo o mundo. Depois de ter deixado Havard por limite de idade, ainda ensinou por alguns meses em Chicago. Em 23 de setembro recebeu o Prêmio da Paz das mãos do presidente da Associação dos Editores Alemães. Morreu em 22 de outubro de 1965, em Chicago, deixando sua mulher, Hannah, uma filha, Erduthe Farris, e um filho, René Stephen.

4.5- Pierre Tielhard de Chardin

Jesuíta, teólogo, e paleontólogo, Pierre Tielhard Chardin (1881- 1955), escolhera o ensino acadêmico e iniciara sua atividade de docente como professor adjunto de geologia no Institut Catholique de Paris. Viveu na China, com periódicos estados em Paris e deslocamentos para outras partes do mundo, por cerca de 20 anos, de 1926 a 1946, empenhado no trabalho científico de pesquisa e catalogação de material paleontológico e em missão de estudo. Volta a Paris assim que termina a Segunda Guerra Mundial, mas,

pouco depois em 1950, logo após a publicação da encíclica *Humani Generis*, deve retomar o caminho do exílio, transferindo-se para New York, onde continua sua atividade de pesquisador e onde a morte o colhe no dia de Páscoa de 1955.

Autor de numerosos artigos científicos, durante sua vida, foi lhe praticamente impossível obter autorização das autoridades religiosas para publicar os ensinamentos em que delineava sua visão filosófica – religiosa. A publicação póstuma de suas obras, que em duas décadas atingiu treze volumes, entre 1955 e 1976, deu origem a um grande debate que arrebatou muitos espíritos.

4.6- Gustavo Gutierrez

Considerado por muitos o primeiro teólogo sistemático ou até mesmo “o pai” da teologia da Libertação, Gutierrez organizou e fez avanços no pensamento latino-americano com respeito ao lugar da teologia “no processo histórico da libertação”.

Hoje ele é visto internacionalmente como o maior porta voz da teologia latino-americana. De descendência ameríndia e criado em Lima. Estudou primeiro psicologia na Universidade de San Marcos. Mais tarde interessou-se por teologia, e estudou em Louvain, Lyon e Roma. Depois de voltar ao Peru (1959), foi ordenado sacerdote católico. Na década de 60 reagiu contra a teologia intelectual do primeiro mundo, por sua falta de compromisso histórico. Ativo no CELAM II em Medellín (1968), Gutierrez tornou-se conhecido internacionalmente com seu livro *Teologia de La Libertación* (1971). Dentre uma pluralidade de atividades, ele é professor de Teologia e Ciências Sociais na Universidade Católica em Lima, onde estabeleceu o Centro de Bartolomé de Las Casas, em lembrança do famoso padre defensor dos índios no século XVI. Autor de dezenas de livros e artigos e membro da diretoria da revista teológica internacional *Concilium*, Gutierrez é popularmente conhecido por conferências teológicas tanto na América Latina como no restante do mundo. Como pessoa ele é humilde e sensível, como teólogo é brilhante e cauteloso.

4.7- Jurgen Moltmann

Nasceu em 1926 em Hamburgo. De 1945-1948 foi prisioneiro de guerra na Bélgica e na Grã-Bretanha. Foi durante este tempo que chegou à fé cristã, assim tornando-se “a primeira ovelha negra de sua iluminada família de Hamburgo”. Em 1952, após estudar teologia se tornou pastor. Atuou como professor no seminário da igreja em Wuppertal em 1958, e em 1967, professor de teologia sistemática na Universidade de Jübingen.

Moltmann é um escritor prolífico. Suas principais obras dividem-se em dois grupos. O propósito das três primeiras, foi “olhar a teologia como um todo de um ponto de vista particular. Estes volumes contêm algum discernimento brilhante e fresco na fé cristã, mas também sofrem de uma inevitável imparcialidade proveniente de uma única perspectiva. Daí em diante ele inicia uma série de contribuições sistemáticas à teologia, sob o título geral de “Teologia Messiânica”.

V – GRANDES TEMAS TEOLÓGICOS DO SÉCULO XX.

5.1- A Crise modernista Fundamentalista.

Um movimento que surgiu nos EUA durante e imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, a fim de reafirmar o Cristianismo protestante ortodoxo e de defendê-lo dos desafios da teologia liberal, da alta crítica alemã, do darwinismo e de outros pensamentos considerados danosos para o cristianismo norte-americano. A partir de então, o enfoque do movimento, o significado do termo e as fileiras do que se dispõem a usar o termo como identificação mudaram várias vezes.

O fundamentalismo até o nosso tempo, já passou por quatro fases de expressão, embora mantenha uma continuidade essencial de espírito, crença e método.

Durante a década de 1920, a fase inicial, envolveu a articulação daquilo que era fundamental ao cristianismo e o início de uma batalha urgente para expulsar das igrejas os inimigos do protestantismo ortodoxo.

No fim da década de 1920 até o início dos anos 40, os que militaram pelos fundamentalistas tinham fracassado na tentativa de expulsar os modernistas de qualquer denominação. Além disso, perderam a batalha contra o evolucionismo. Os protestantes ortodoxos que ainda dominavam numericamente todas as denominações, agora começavam a lutar entre si mesmos. Durante a depressão da década de 1930, o termo “fundamentalista” paulatinamente mudou de significado, a medida em que veio a ser aplicado a um só partido entre aqueles que acreditavam nos fundamentos tradicionais da fé. Nesse ínterim, a neo-ortodoxia associada com a crítica de Karl Barth contra o liberalismo, achou adeptos nos EUA.

No início da década de 1940 a até a década de 1970, os fundamentalistas estando assim, redefinidos, dividiram-se paulatinamente em dois arraiais. Havia aqueles que, voluntariamente continuavam a empregar o termo para se referir a si mesmos, equiparando-se com o verdadeiro cristianismo fiel à Bíblia. Havia outros que vieram a considerar indesejável o termo, por ter conotações de “divisor”, “intolerante”, “anti-intelectual”, despreocupado com os problemas sociais, e até mesmo “tolo”. Este segundo grupo queria reconquistar a comunhão com os protestantes ortodoxos que ainda constituíam a vasta maioria dos clérigos e do povo nas grandes denominações do norte. Durante a década de 1940 começaram a se chamar de “evangelicais” e a equiparar aquele termo com o cristianismo verdadeiro. A partir de 1948 uns poucos se chamavam de neo-evangelicais.

Nos fins da década de 1970 e a década de 1980, os fundamentalistas entraram numa fase nova. Destacaram-se nacionalmente por oferecerem uma resposta àquilo que muitos consideravam uma suprema crise social, moral, econômica, e religiosa nos EUA. Identificavam um novo inimigo, mais difuso – o humanismo secular que, segundo acreditavam era responsável por subverter escolas, universidades, o governo e acima de tudo as famílias. Lutaram contra todos os inimigos que considerassem rebentos do humanismo secular - o evolucionismo, o liberalismo, político e teológico, a moralidade pessoal frouxa, a perversão sexual, o socialismo, o comunismo e qualquer diminuição da autoridade absoluta e inerrante da Bíblia. Conclamavam os norte-americanos a voltarem aos fundamentos da fé e aos valores morais fundamentais dos EUA.

5.2- Ecumenismo.

Tentativa organizada de levar a efeito a cooperação e a união entre todos os crentes em Cristo. A palavra “ecumênico” provém do grego “OIKOUMENE”, a totalidade da terra habitada. (At.17.06; Mt. 24.14)

O ecumenismo primitivo tem a sua base teológica da união cristã no N.T. Jesus orou por seus seguidores, “a fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em mim e eu em Ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.” (Jo.17.21). Da mesma forma Paulo exortou os Efésios assim: “...esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da Paz; porque há somente um corpo e um Espírito... um só Senhor, uma só fé, um só batismo.” (Ef.4.3-5). Através de todo o seu ministério, o Apóstolo Paulo esforçou-se para manter a união da igreja face aos desvios teológicos (Gálatas e Colossenses) e divisões internas (1º e 2º Coríntios).

O movimento ecumênico moderno teve seu início em Edimburgo, em 1910, na Conferencia Missionária Internacional. Sob a liderança do metodista norte-americano John R. Mott, os mil representantes presentes captaram a visão da união cristã. Como promessa da Conferência de Edimburgo. O Concílio Missionário Internacional procurou realizar a cooperação entre as agências missionárias protestantes; a Conferencia sobre a Vida e o Trabalho (Estocolmo,1925) buscou unificar os esforços para solucionar os problemas sociais, econômicos e políticos; e a Conferencia sobre a Fé e Ordem (Lausanne 1927), tratou da base teológica da união da igreja. Já em 1937, a Conferencia sobre a Vida e o Trabalho e a Conferência sobre Fé e Ordem, concordaram que era necessária uma nova organização, mais abrangente, e propuseram a formação de um Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Sobreveio a Segunda Guerra Mundial, que impediu a rápida implementação da proposta, mas, finalmente, em 1948, 351 delegados que representavam 147 denominações em 44 países reuniram-se em Amsterdã, o Conselho do C.M.I. foram realizados em Evanston (EUA). (1954) Nova Delhi, Índia (1961), Uppsala, Suécia (1968), Nairobi, Quênia (1975) e Vancouver, Canadá (1983). Na Assembléia em Nova Delhi, a igreja Ortodoxa Russa filiou-se ao CMI, o Conselho Missionário Internacional submeteu-se ao controle do CMI e foi adotada a “base” confessional. “O Conselho Mundial de Igreja, é uma comunhão de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, de

conformidade com as Escrituras e que, portanto, procuram cumprir juntos a vocação que tem em comum, para a Glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.”

Os evangélicos conservadores formam o único grupo que permanece fora do movimento ecumênico. Quase desde o início do ecumenismo moderno, os evangélicos tem questionado a tentativa de unificar as igrejas segundo o sistema de “federação”. Citam por exemplo a base doutrinária um pouco nebulosa do CMI, e sua fraca dedicação à evangelização. Além disso, em tempos mais recentes a maioria dos evangélicos levanta objeções àquilo que considera como apoio político da parte do CMI aos movimentos esquerdistas do terceiro mundo.

Portanto, em resumo, até 1980 tornaram-se evidentes entre os cristãos dois modelos de “ecumenismo”. O modelo federativo do CMI tende a minimizar a necessidade da Concórdia doutrinária e da evangelização, ao passo que ressalta a ação política e social conjunta em nome de Cristo. O modelo cooperativo dos evangélicos conservadores procura restaurar a evangelização ao lugar de primazia na missão da igreja, com a esperança de que se sigam tipos mais visíveis de união.

5.3- O Evangelho Social.

O termo “Evangelho Social”, com sua atuação atual com o pensamento social protestante teologicamente liberal e moderadamente reformista, veio a ser usado por volta de 1900, para descrever aquele esforço protestante no sentido de aplicar princípios bíblicos aos crescentes problemas urbano-industriais dos EUA emergidos durante as décadas entre a Guerra Civil e a Primeira Guerra Mundial.

Considerando provavelmente um movimento exclusivamente norte-americano na teologia, o evangelho social também consta como parte de uma rica tradição judaico cristã de resposta à necessidade humana, tendo suas raízes no AT e NT e com antecedentes em todas as áreas da história da igreja. Seus antecedentes mais imediatos incluíram os escritos e programas com que os eclesiásticos e teólogos ingleses e da Europa Continental, tais como Charles Kingsley e John Frederick, Denison Maurice tinham começado a reagir diante de aflições sociais semelhantes. Nos EUA as raízes do evangelho social incluíram clérigos do século XIX, como Stephen Clowel, cuja obra: “Novos Temas

para os Clérigos Protestantes” foi publicada em 1851, bem como os reavivamentistas Timoty L. Smith narrou em “Reavivamento e Reforma Social nos EUA em Meados do Século XIX”.

A singularidade do evangelho social, residia, então, não em sua descontinuidade do passado, mas em sua engenhosidade em aplicar princípios cristãos a problemas grandes e complexos, durante uma transição crítica na história social norte-americana.

Uma das partes principais da dificuldade encontrada ao se fazer esta aplicação foi à oposição pelos defensores do individualismo, “laissez faire”, do século XIX. A luta resultou em uma enorme reação da parte dos defensores da nova ordem; o século XX veio a ser tão desigual na ênfase dada às causas e curas sociais quanto século XIX tinha sido na sua ênfase no indivíduo.

Os historiadores têm se inclinado a se identificar três tipos de reações dentro do cristianismo social daquela era, incluindo o individualismo conservador, socialista/ radical e o progressivo/ moderadamente reformista. Este último foi o caminho adotado pelo evangelho social. Aquela análise geral deve ser qualificada pelo fato de que não havia correlação direta entre a preocupação social e a posição teológica e porque as linhas demarcatórias não foram muito claramente traçadas, antes do dito período ter passado. O exército de Salvação, organização ocasionalmente citada como exemplo do cristianismo social conservador, recebeu muito apoio dos evangelistas sociais de destaque e era, por si mesmo, um defensor agressivo de serviço e reformas sociais.

O desaparecimento do movimento do evangelho social não importou a morte de sua ênfase central: aplicar princípios cristãos aos problemas sociais e à necessidade humana. Nos movimentos dos direitos civis e da anti-guerra, em décadas recentes e na tomada de posição radical pelos Conselhos Nacional (EUA) e Mundial de Igrejas, algumas pessoas percebem uma continuidade do evangelho social clássico. Os evangelistas têm voltado, enquanto isso, à preocupação e ação sociais que os tinham marcado até as vésperas da Primeira Guerra Mundial. Nos dois casos, o Cristianismo social, que continua a avançar, parece estar menos marcado pela utopia e pelas estreitas preocupações industriais e mais pela ação social do que era o evangelho social propriamente dito.

ANEXO

DECLARAÇÃO TEOLÓGICA DE BARMEN

I – Um apelo às congregações evangélicas e aos cristãos na Alemanha

O Sínodo Confessional da Igreja Evangélica Alemã reuniu-se na cidade de Barmen, de 29 a 31 de maio de 1934. Representantes de todas as Igrejas Confessionais alemãs uniram-se unanimemente numa confissão do único Senhor da Igreja uma, santa e apostólica. Fiéis à sua confissão de fé, membros das igrejas Luterana, Reformada e Unida procuraram redigir uma mensagem comum para ir ao encontro das necessidades e tentação da Igreja em nossos dias. Com gratidão a Deus, estão convictos de que lhes foi concedida uma palavra comum para dizerem. Não foi sua intenção fundar uma nova igreja ou formar uma união de igrejas. Nada esteve tão longe dos seus pensamentos do que a abolição do “status” confessional das nossas igrejas. Pelo contrário, sua intenção era resistir com fé e unanimidade à destruição da Confissão de Fé, e, por conseguinte, da Igreja Evangélica na Alemanha. Em oposição às tentativas de estabelecer a unidade da Igreja Evangélica Alemã mediante uma falsa doutrina, fazendo uso da força e de práticas insinceras, o Sínodo Confessional insiste que a unidade das Igrejas Evangélicas na Alemanha só poderá provir da Palavra de Deus na fé concedida pelo Espírito Santo. Somente assim a Igreja se renova.

O Sínodo Confessional, portanto, conclama as congregações para se unirem em oração e coesas cerrarem fileiras em torno dos pastores e mestres que permanecem fiéis às Confissões.

Não vos deixeis enganar pelos boatos de que pretendemos opor-nos à unidade da nação alemã! Não deis ouvidos aos sedutores que pervertem nossas intenções, dando a impressão de que desejaríamos quebrar a unidade da Igreja Evangélica Alemã ou abandonar as Confissões dos Pais da Igreja.

Examinai os espíritos, a ver se eles são de Deus! Provai também as palavras do Sínodo Confessional da Igreja Evangélica Alemã para testa se estão conformes com a Sagrada Escritura e com a Confissão dos Pais. Se achardes que nossas palavras se opõem às Sagradas Escrituras, então não nos deis atenção! Mas se julgardes que nossa posição está conforme a Escritura, então não permitais que o medo ou a tentação vos impeça de trilhar conosco a vereda da fé e da obediência à Palavra de Deus, a fim de que o povo de Deus tenha um só pensamento na terra e que nós experimentemos pela fé aquilo que ele mesmo disse: “Nunca vos deixarei, nem vos abandonarei”. Por esse motivo, “não temais, ó pequenino rebanho, porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino”.

II – Declaração teológica a respeito da situação atual da Igreja Evangélica Alemã

Conforme as palavras iniciais da sua Constituição, datada de 11 de julho de 1933, a Igreja Evangélica Alemã é uma federação de Igrejas Confessionais, oriundas da Reforma, gozando de direitos iguais. O fundamento teológico para a unificação dessas igrejas se acha nos artigos 1º e 2º (1) da Constituição da Igreja Evangélica Alemã, reconhecida pelo Governo do Reich em 14 de julho de 1933:

Artigo 1º: A base inviolável da Igreja Evangélica Alemã é o Evangelho de Jesus Cristo, conforme nos é atestado nas Sagradas Escrituras e trazido novamente à luz

nas Confissões da Reforma. Todos os poderes necessários à Igreja para cumprir sua missão por ele são determinados e limitados.

Artigo 2º (1): A Igreja Evangélica Alemã é dividida em igrejas regionais (**Landeskirchen**).

Nós, os representantes das Igrejas Luterana, Reformada e Unida, dos Sínodos livres, das assembléias eclesiásticas e organizações paroquiais unidas no Sínodo Confessional da Igreja Evangélica Alemã, declaramos estarmos unidos na base da Igreja Evangélica Alemã como uma federação de Igrejas Confessionais. Unifica-nos a confissão de um só Senhor da Igreja uma, santa, católica e apostólica.

Declaramos publicamente nesta Confissão, perante todas as igrejas evangélicas da Alemanha, que aquilo que ela mantém como patrimônio comum está em grande perigo que também ameaça a unidade da Igreja Evangélica Alemã. Ela se acha ameaçada pelos métodos de ensino e de ação do partido eclesiástico dominante dos “cristãos alemães” e pela administração da Igreja conduzida por ele. Esses métodos se vêm tornando cada vez mais salientes neste primeiro ano de existência da Igreja Evangélica Alemã. Essa ameaça reside no fato de que a base teológica da unidade da Igreja Evangélica Alemã tem sido contrariada contínua e sistematicamente e tornada ineficaz por doutrinas estranhas, da parte dos líderes e porta-vozes dos “cristãos alemães”, bem como da parte da administração da Igreja. Se tais doutrinas conseguirem impor-se, então, conforme todas as Confissões em vigor em nosso meio, a Igreja deixará de ser Igreja, e a Igreja Evangélica Alemã, como federação de Igrejas Confessionais, tornar-se-á intrinsecamente impossível.

Na qualidade de membros das Igrejas Luterana, Reformada e Unida, podemos e devemos falar com uma só voz neste assunto. Precisamente por querermos ser e permanecer fiéis às nossas várias Confissões, não podemos silenciar, pois cremos ter recebido uma mensagem comum para proclamá-la numa época de necessidades e tentações gerais. Depositamos nossa confiança em Deus pelo que isto possa significar para as interrelações das Igrejas Confessionais.

Face dos erros dos “cristãos alemães” da presente administração da Igreja do Reich, erros que estão assolando a Igreja e, também rompendo, por esse motivo, a unidade da Igreja Evangélica Alemã, confessamos as seguintes verdades evangélicas:

1. “Eu sou o caminho e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). “Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador... Eu sou a porta: se alguém entrar por mim será salvo” (Jo 10.1,9).

Jesus Cristo, como nos é atestado na Sagrada Escritura, é a única Palavra de Deus que devemos ouvir, e em quem devemos confiar e a quem devemos obedecer na vida e na morte.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja teria o dever de reconhecer – além e aparte da Palavra de Deus – ainda outros acontecimentos e poderes, personagens e verdades como fontes da sua pregação e como revelação divina.

2. “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria e justiça e santificação e redenção” (1 Co 1.30).

Assim como Jesus Cristo é a certeza divina do perdão de todos os nossos pecados, assim e também com a mesma seriedade, é a reivindicação poderosa de Deus sobre toda a nossa existência. Por seu intermédio experimentamos uma jubilosa libertação dos ímpios grilhões deste mundo, para servirmos livremente e com a gratidão às suas criaturas.

Rejeitamos a falsa doutrina de que, em nossa existência haveria áreas em que não pertencemos a Jesus Cristo, mas a outros senhores, áreas em que não necessitaríamos da justificação e santificação por meio dele.

3. “Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, de quem todo corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua seu próprio crescimento para a edificação de si mesmo em amor” (Ef 4.15,16).

A Igreja Cristã é a comunidade dos irmãos, na qual Jesus Cristo age atualmente como o Senhor na Palavra e nos Sacramentos através do Espírito Santo. Como Igreja formada por pecadores justificados, ela deve, num mundo pecador, testemunhar com sua fé, sua obediência, sua mensagem e sua organização que só dele ela é propriedade, que ela vive e deseja viver tão somente da sua consolação e das suas instruções na expectativa da sua vinda.

Rejeitamos a falsa doutrina de que à Igreja seria permitido substituir a forma da sua mensagem e organização, a seu bel prazer ou de acordo com as respectivas convicções ideológicas e políticas reinantes.

4. “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva” (Mt 20.25,26).

A diversidade de funções na Igreja não estabelece o predomínio de uma sobre a outra, mas, antes o exercício do ministério confiado e ordenado a toda a comunidade.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja, desviada deste ministério, poderia dar a si mesma ou permitir que se lhe dessem líderes especiais revestidos de poderes de mando.

5. “Temei a Deus, honrai ao rei!” (1 Pe 2.17).

A Escritura nos diz que o Estado tem o dever, conforme ordem divina, de zelar pela justiça e pela paz no mundo ainda que não redimido, no qual também vive a Igreja, segundo o padrão de julgamento e capacidade humana com emprego da intimidação e exercício da força. A Igreja reconhece o benefício dessa ordem divina com gratidão e reverência a Deus. Lembra a existência do Reino de Deus, dos mandamentos e da justiça divina, chamando, dessa forma a atenção para a responsabilidade de governantes e governados. Ela confia no poder da Palavra e lhe presta obediência, mediante a qual Deus sustenta todas as coisas.

Rejeitamos a falsa doutrina de que o Estado poderia ultrapassar a sua missão específica, tornando-se uma diretriz única e totalitária da existência humana, podendo também cumprir desse modo, a missão confiada à Igreja.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja poderia e deveria, ultrapassando a sua missão específica, apropriar-se das características, dos deveres e das dignidades estatais, tornando-se assim, ela mesma, um órgão do Estado.

6. “Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28.20). “A Palavra de Deus não está algemada” (2 Tm 2.9).

A missão da Igreja, na qual repousa sua liberdade, consiste em transmitir a todo o povo – em nome de Cristo e, portanto, a serviço de sua Palavra e da sua obra pela pregação e pelo sacramento – a mensagem da livre graça de Deus.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja, possuída de arrogância humana, poderia colocar a Palavra e a obra do Senhor a serviço de quaisquer desejos, propósitos e planos escolhidos arbitrariamente.

O Sínodo Confessional da Igreja Evangélica Alemã declara ver no reconhecimento destas verdades e na rejeição desses erros, a base teológica indispensável da Igreja

Evangélica Alemã na sua qualidade de federação de Igrejas Confessionais. Ele convida a todos os que estiverem aptos a aceitar esta declaração a terem sempre em mente estes princípios teológicos em suas decisões na política eclesiástica. Ele concita a não pouparem esforços para o retorno à unidade da fé, do amor e da esperança.

BIBLIOGRAFIA

- ALMANAQUE ABRIL.** Rio de Janeiro: Editora Abril, 2000.
- IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.** *O Livro de Confissões.* 1. ed. São Paulo: Missão Presbiteriana Brasil Central, 1969.
- CAIRNS,** Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos.* 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- CHAMPLIN,** Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Vol. 3. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CHAMPLIN,** Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Vol. 5. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE EVANGELIZAÇÃO.** *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje: As Principais Palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial.* 1. ed. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1982.
- ELWELL,** Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã.* Vol. 1. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.
- ELWELL,** Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã.* Vol. 3. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.
- FERREIRA,** Júlio Andrade. *Profeta da Unidade: Erasmo Braga, uma vida a descoberto.* 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- FIDES REFORMATATA.** Janeiro-Junho 1999. “A Missão da Igreja: Uma Perspectiva Latino-Americana”. págs. 70 e 71, Alderi Souza de Matos.
- GIBELLINI,** Rosino. *A Teologia do Século XX.* 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- GONZÁLEZ,** Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Novos Horizontes.* 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- GONZÁLEZ,** Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era Inconclusa.* 5. ed. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- LANE,** Tony. *Pensamento Cristão.* Vol. 2. 1. ed. São Paulo: Abba Press, 2000.
- MONDIN,** Battista. *Os Grandes Teólogos do Século XX.* Vol. 2. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- NEILL,** Stephen. *História das Missões.* 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1989.
- NETO,** Luiz Longuini. *O Novo Rosto da Missão.* 1. ed. Viçosa: Ultimato, 2002.

NOLL, Mark A. *Momentos Decisivos na História do Cristianismo*. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

NORTE EVANGÉLICO, 05/07/1916. “*O Congresso do Panamá*”. págs. 01 e 02. Herculano Gouvêa Júnior.

RIBEIRO, Boanerges. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. 1. ed. São Paulo: O Semeador, 1991.

SÉRIE LAUSANNE. *John Stott Comenta o Pacto de Lausanne*. 2. ed. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1984.

- **SITES CONSULTADOS**

[http//. www.mundonegro.kit.net/luther_king](http://www.mundonegro.kit.net/luther_king)

[http//. www.terra.com.br/pisxx_madreteresa](http://www.terra.com.br/pisxx_madreteresa)